

## O Canto do Cisne

José Luiz Borges Horta\*

*“Foi Alfred North Whitehead que, certa vez, observou não constituir todo o pensamento filosófico do Ocidente senão comentários de rodapé à obra de Platão”.*

J. O. DE MEIRA PENNA<sup>1</sup>

1. O Fédon na obra platônica. 2. Estrutura do diálogo. 3. O Filósofo e a Morte (a teoria da boa morte). 4. A Teoria dos contrários. 5. Reminiscências e Idéias. 6. O Hades e a Teoria da Reencarnação. 7. A importância do filosofar. 8. A alma-harmonia: teoria inválida. 9. A eternidade da alma: os contrários e as idéias. 10. Ética e Filosofia: a cena final.

1. O subtítulo limitante e estreito<sup>2</sup> de *Fédon* — “da Alma” — muitas vezes poderá levar o leitor mais desatento a não perceber a importância de seu estudo para a plena compreensão do legado platônico.

De fato, ao essencialmente apresentar argumentos pró e contra a imortalidade da alma, PLATÃO esboça sua Teoria das Idéias, teoriza sobre o conhecimento, debate ideais de vida, tendo como pano de fundo os últimos momentos de Sócrates.

\* Professor da área de Filosofia do Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Direito Constitucional e Doutorando em Filosofia do Direito pela UFMG.

1 PENNA, J. O. de Meira. Introdução ao “Gorgias” de Platão. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 84, jan. 1997, p. 97.

2 V., à guisa de melhor introdução ao *Fédon*, o Preâmbulo de LUIS GIL in: PLATON. *Obras Completas*. 2. ed. Madrid: Aguilar, 1977. p. 599-609.

Na expressão de JOAQUIM CARLOS SALGADO,

“A teoria das idéias de Platão está exposta em vários trechos das várias obras que deixou”<sup>3</sup>.

Neste sentido, grande relevo possuem *A República*<sup>4</sup>, *Ménon*, e *Parmênides*<sup>5</sup>. SALGADO, entretanto, adverte:

“É no *Fédon*, contudo, que a teoria das idéias aparece com maior precisão”<sup>6</sup>.

A importância do *Fédon* no contexto platônico — diálogo da maturidade do autor<sup>7</sup>, durante séculos uma das suas únicas obras conhecidas<sup>8</sup> — avulta sobremaneira se nos recordamos da devoção do genial discípulo ao mestre SÓCRATES. É que, no texto que apresentamos nas próximas páginas em caráter de mera introdução aos interessados, pretendeu PLATÃO eternizar lições tão importantes que somente caberiam nas últimas palavras do mestre ascensionante.

Palavras imortalizadas na forte imagem poética utilizada pelo Sócrates platônico, falando sobre os cisnes:

“[...] quando eles sentem aproximar-se a hora da morte, o canto que antes cantavam se torna mais freqüente e mais belo do que nunca, pela alegria que sentem ao ver aproximar-se o momento em que irão para junto do Deus a que servem”<sup>9</sup>.

3 SALGADO, Joaquim Carlos. *A Idéia de Justiça em Kant; seu fundamento na liberdade e na igualdade*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995, p. 115.

4 De onde KANT, e.g., extrai e critica a Teoria das Idéias platônica. Cf. SALGADO, *A Idéia de Justiça em Kant*, cit., p. 118.

5 A “obra-prima de Platão”, na ótica de HEGEL. Cf. SALGADO, *A Idéia de Justiça em Kant*, cit., p. 125.

6 SALGADO, *A Idéia de Justiça em Kant*, cit., p. 120.

7 CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia*. V. 1; dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 178-9.

8 Além do *Fedro* e do *Timeu*, como anota CHAUI, *Introdução à História da Filosofia*, cit., p. 172. RAFAEL, aliás, em sua clássica *A Escola de Atenas*, em que retrata Platão e Aristóteles passeando pelos jardins da Filosofia, apresenta, com nosso Mestre, precisamente um volume do *Timeu*.

9 PLATÃO. *Fédon*. Trad. e notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. In: PLATÃO. *Diálogos*. Seleção de José Américo Motta Pessanha. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 90. Doravante, as citações do *Fédon* serão registradas a partir da numeração tradicional da edição de ESTÉFANO. [Cf. GIL, Luis. Preambulo. In: PLATON. *Obras...*, cit., p. 609]. Esta encontra-se, portanto, na passagem 85a.

Anotam PALEIKAT e COSTA:

“O cisne é a ave consagrada a Apolo, deus da adivinhação. Sócrates aqui se compara poeticamente ao cisne e considera como seu derradeiro canto a doutrina sobre a imortalidade da alma”<sup>10</sup>.

Vale registrar o elucidativo comentário de LYGIA ARAÚJO WATANABE, buscando situar de modo mais preciso a teoria da alma expressa em Platão:

“A tradição cristã fez dessas afirmações uma teoria platônica da espiritualidade da alma, desconhecendo a sofisticada técnica de encenação dos Diálogos. Desse modo, exagerou-se o papel da recusa do corpo em favor da alma no contexto da obra de Platão. Se o corpo (em grego, *soma*) é considerado como o túmulo (em grego, *sema*) da alma, é porque é preciso inverter as perspectivas e pensar a morte como passagem para nova vida. É preciso pensar em primeiro lugar sobre o tema mesmo do diálogo: a vida da alma depois da morte do homem, isto é, a imortalidade da alma”<sup>11</sup>.

Nas páginas seguintes, procuraremos, ainda que sem grandes pretensões, desvendar os segredos da complexa mentalidade platônica, não sem jamais esquecer a pertinente crítica de SALGADO, que sublinha

“o caráter trágico da alma platônica, que se coloca do embaite entre a exigência lógica da explicação da realidade e a salvação da religião que decai”<sup>12</sup>.

10 *Loc. cit.*, nota de rodapé 33.

11 WATANABE, Lygia Araújo. *Platão por mitos e hipóteses*; um convite à leitura dos Diálogos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996, p. 96.

12 SALGADO, *A Idéia de Justiça em Kant*, cit., p. 124-5.

2. Fédon teria presenciado a morte de Sócrates, assistido às lições de seus últimos momentos, e de tais fatos dá notícia a Equécrates, em Flio (ou Flionte, no Peloponeso).

Preocupa-se a personagem título em frisar a felicidade e nobreza de Sócrates (58e) ao aproximar-se da morte. Na realidade, a narrativa permanece, durante todo o diálogo, na palavra de Fédon. Entretanto, é Sócrates quem domina a cena, num momento respondendo a indagações de seus confrades, e noutro, dissertando longamente.

O estado de espírito da personagem mito, descrito na reflexão aguçada de PLATÃO, aclara-se desde a primeira intervenção de Sócrates, precisamente ao falar da simbiose necessária entre prazer e dor:

“procure-se um deles [...] e estaremos sujeitos quase sempre a encontrar também o outro”. (60b)

3. Provocado pelo tebanos Cebes e Símiás, Sócrates desenvolve suas reflexões nos seguintes termos:

i) *A morte é desejável e desejada pelo verdadeiro filósofo, ainda que o suicídio não seja recomendável* (61d), até porquê, como diriam antigas tradições, “É uma espécie de prisão o lugar onde nós, homens, vivemos, e é dever não libertar-se a si mesmo nem evadir-se” (62b);

ii) *A única ocupação do verdadeiro filósofo é preparar-se para a morte* (64a), uma vez que:

- A morte é “a separação da alma e do corpo” (64c);

- As preocupações do filósofo dirigem-se à alma, afastando-se dos apelos carnis (65a);

- A alma atinge a verdade quando, no ato de raciocinar, desconsidera a inexatidão e a incerteza das sensações corporais, rompendo “tanto quanto lhe é possível” sua união com o corpo (65b);

- Só com o pensamento, jamais com os olhos do corpo, podemos contemplar o Justo em Si, o Belo em Si, o Bom em Si (65d);

- “durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma estiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente [...] a verdade. [...] O corpo de tal modo nos inunda de amores, paixões, temores, imaginações [...] que por seu intermédio [...] não receberemos na verdade nenhum pensamento sensato; não, nem uma vez sequer!” (66b,c);

- “se alguma vez quisermos conhecer puramente os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele [o corpo] e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos” (66d), separando a alma pura “da demência do corpo” (66e);

- A morte é exatamente este estado de separação entre a alma e o corpo, e coerentemente é por ela que o amigo do saber deve ansiar (67e);

iii) *O filósofo deve rejubilar-se de poder dirigir-se ao Hades* (68b), e o faz, como verifica-se na assertiva de que “aquele que se irrita no momento de morrer, não é a sabedoria que alguém ama, mas sim o corpo [...] as riquezas, ou as honrarias”<sup>13</sup> (68c).

4. Ante a dúvida de Cebes, que indaga acerca de destruição da alma com a morte do corpo, talvez dissipando-se como um sopro (70a), Sócrates apresenta sua teoria dos contrários, pela qual “os contrários não nascem senão dos seus próprios contrários” (70e), havendo entre contrários uma “dupla geração” (71b) — entre o *maior* e o *menor*, temos, *e.g.*, *crescimento* e *decrescimento*.

Assim, entre *vivo* e *morto*, um estado do outro provindo (71e), temos o *morrer* e o *reviver* (72a) — “as almas dos mortos estão em alguma parte, e é de lá que voltam para a vida”.

13 Anota JOSÉ AMÉRICO MOTTA PESSANHA o jogo de palavras platônico: *philosophos*, *philosômatos*, *philokhrématos*, *philótimos*. Cf. PLATÃO. *Diálogos*, cit., p. 70, nota de rodapé 15.

5. Neste ponto, Cebes recorda-se do argumento socrático no sentido de que aprender não é outra coisa senão recordar (72e).

A Teoria das Reminiscências, aí referida, nos leva necessariamente à Teoria das Idéias<sup>14</sup>: o homem reconhece um objeto por que conhece a sua forma<sup>15</sup>, em sua essencial simplicidade. A noção de igualdade, por exemplo (74b), só nos é familiar porque, pondera Sócrates, já pudemos contemplar o Igual em Si.

Tal contemplação, acrescenta, necessariamente ter-se-á dado antes do nascimento (75d), e em relação a idéias cujo atributo seria a imutabilidade (79d), caso contrário, caso se alterassem, não poderiam ser conhecidas.<sup>16</sup>

A alma, capaz de adentrar o mundo das idéias<sup>17</sup>, comunga com estas as características de imortalidade:

“[...] a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade” (80b).

6. Imortal a alma, tão logo separa-se do corpo ela pode tomar dois caminhos: caso tenha, no decorrer da vida, sabido manter-se distante da matéria (81a), purificada, dirige-se sem temor ao *Hades*<sup>18</sup>. Caso contrário, a alma poluída (81b) pelo contato com o corpo terá uma passagem tenebrosa antes de retornar ao Reino do Invisível:

14 Na expressão de WILL DURANT: “essa famosa doutrina das idéias, embelezada e obscurecida pela fantasia e pela prosa de Platão, é um labirinto desanimador para o estudante moderno”. Cf. *A História da Filosofia*. Trad. Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 53.

15 Forma, aí, no sentido de matriz, de fórmula, de “fôrma”, como no interessante comentário sobre bolos e fôrmas de bolo proposto em GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*; romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 92 et. seq.

16 Não é nosso objetivo tecer críticas a PLATÃO, mas neste ponto, sobretudo ante a correta noção de historicidade aplicada por HEGEL ao Absoluto, a qual aparentemente atesta a mutabilidade das idéias, gostaríamos de insistir na tese platônica: a Idéia permaneceria, para nós, imutável; o que evoluiria é a capacidade humana para compreendê-las em sua plenitude. Assim, antigas civilizações teriam podido observar realidades que para o Ocidente ainda são mistificadas. Veja-se, neste diapasão, toda a obra de JÚLIO VERNE, e também as interessantes hipóteses de ERICH VON DANICHEN.

17 Vale a menção a GAARDER, que poeticamente aduz: “Nas asas do amor, a alma deseja voar ‘de volta para casa’, para o mundo das idéias” [GAARDER, *O Mundo de Sofia*, cit., p. 103].

18 Não é possível compreender plenamente o pensamento platônico sem situá-lo no contexto místico do *Orfismo*. PLATÃO adere ao que REALE e ANTISERI consideram “o núcleo das crenças órficas”; e alertam: “Uma coisa deve ter-se presente:

“[...] essa alma ronda os monumentos funerários e as sepulturas, ao redor dos quais foram vistos certos espectros sombrios de almas [...] São as dos maus, que se vêm obrigados a vaguear nesses lugares, que recebem assim o castigo de sua maneira de viver anterior, que foi má”. (81d)

Chega mesmo Sócrates a sugerir que as almas impuras acabam se unindo a corpos de animais<sup>19</sup>, enquanto às puras reserva-se um bom destino a partir do *Hades* mitológico<sup>20</sup>, tão bem descrito, hodiernamente, por MÁRCIA VILLAS-BÔAS:

“O reino de Hades era dividido em três. No primeiro habitavam aquelas almas que haviam cometido crimes hediondos e lá expiavam suas culpas. Este local passou a ser chamado de Tártaro, nome que inicialmente designava genericamente os Infernos. O segundo plano era uma espécie de limbo, onde habitavam aqueles que haviam cometido pequenas faltas e que se recuperavam lentamente. A este nível deram o nome de Érebro, que no começo denominava as trevas que envolviam a Terra. O terceiro plano — Campos Elíseos — era o local das alegrias e bem-aventuranças.

As almas que viviam no Érebro, depois de um período de

---

sem orfismo não se explicaria Pitágoras, nem Heráclito, nem Empédocles e, sobretudo, não se explicaria uma parte essencial do pensamento de Platão” [REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. V. 1; antiguidade e idade média. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990, p. 18-9; V, em especial, o item 2.2, A religião pública e os mistérios órficos, às p. 16-9, e também, acerca da incidência do orfismo sobre a constituição da problemática da filosofia antiga, REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. V. 1; das origens a Sócrates. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993, p. 23-5]. JACYNTHO JOSÉ LINS BRANDÃO acentua a complexidade do pensar órfico, já que “o que poderíamos entender como orfismo assimila correntes diversas de pensamento e de prática religiosa, permeando o fenômeno da cultura em esferas diferentes [...] Para nós, o assunto permanece totalmente enigmático, como provavelmente já era também para os antigos” [BRANDÃO, Jacyntho José Lins. *O Orfismo no Mundo Helenístico*. CARVALHO, Sílvia Maria S. (org.). *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990, p. 25-6]. O Orfismo representa uma tentativa de síntese das tradições religiosas gregas, unindo os mistérios dionisiacos ao espírito apolíneo. DANTE TRINGALI é bastante afirmativo: “Na verdade, o orfismo, o pitagorismo e o platonismo se situam na mesma linha espiritualista. As afinidades saltam aos olhos: dualismo alma e corpo; corpo como cárcere; preexistência e sobrevivência da alma; reencarnação; desejo de salvação e purificação”. [TRINGALI, Dante. *O Orfismo*. CARVALHO, *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*, cit., p. 21].

19 A chamada *licantropia*.

20 Absolutizado posteriormente pela teologia católica (Inferno, Purgatório e Céu), e mais tarde revisitado e justificado em plena Idade da Razão, por ALLAN KARDEC.

purificação e aprendizagem, passavam aos Campos Elíseos. Mas, se não aproveitassem os ensinamentos obtidos no Érebo, seriam mergulhados no Tártaro.

Nos Campos Elíseos, as almas aguardavam o momento em que nasceriam para uma nova existência física. Mas a todos era dada a comer a semente da romã, que tinha a propriedade de fazer retornar ao Hades todas as almas que dele se afastassem”<sup>21</sup>.

7. A Filosofia, o filosofar, a postura reflexiva, somente através dela o homem pode purificar-se, divinizando-se.

A alma acorrenta-se ao corpo ao ceder a seus prazeres, desejos, incômodos e terrores (83c); cede à absoluta ignorância e ao mundo ilusório dos sentidos (83a), ao não perceber o “mal supremo”: a “crença de que o objeto dessa emoção [o prazer físico] é tudo que há de mais real e verdadeiro” (83c). Em perene lição, afirma Sócrates:

“[...] todo prazer e todo sofrimento possuem um cravo com o qual pregam a alma ao corpo” (83d).

Somente a filosofia liberta a alma,

“[...] acalma as paixões, liga-se aos passos do raciocínio e sempre está presente nele; toma o verdadeiro, o divino, o que escapa à opinião, por espetáculo e também por alimento” (84a).

8. Símias, contrapondo Sócrates, compara a alma a uma harmonia, e o corpo a um instrumento: divina, etérea, mas fruto deste (86a), temendo que

21 VILLAS-BÔAS, Márcia. *Olimpo; a saga dos deuses*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 88-9.

“[...] a alma, sendo algo de mais belo e mais divino que o corpo, venha a corromper-se antes dele” (91d).

Já Cebes apresenta outra objeção: aceitando as teses da pluralidade das existências, da reminiscência e da superioridade da alma sobre o corpo, indaga acerca da possibilidade de a alma ter fim algum dia, após alguma morte física (87, 88). E pondera:

“[...] não há homem que possa estar tranqüilo diante da morte, a menos que ele seja capaz de provar que a alma é totalmente imortal e imperecível. Se assim não for, necessariamente, todo aquele que vai morrer deve sempre temer que sua alma, no momento em que se separa do corpo, seja destruída inteiramente” (88b).

Ao responder, Sócrates adverte-nos pela busca do razoável nos argumentos:

“[...] não pretendo convencer os ouvintes de que é verdadeiro tudo o que eu disser — embora o deseje secundariamente — mas em primeiro lugar deseje persuadir-me, a mim mesmo, disso” (91b).

A Símas Sócrates apontará, de início, uma incoerência: se Símas aceita a teoria das reminiscências, então a alma pré-existe ao corpo; como pode o resultado pré-existir à causa? Se a causa é o corpo, como a alma pode ter reminiscências? E como o resultado pode dirigir a causa? (92b)

A tese da alma-harmonia será fulminada: Se toda alma é uma harmonia, como explicar “a virtude e o vício que se encontram nas almas? Dirão que uma é uma harmonia e a outra uma dissonância?” (93c).

E prossegue:

“[...] a harmonia, visto que nem é mais nem menos harmonia, também não pode ser mais ou menos harmonizada”(93d).

Logicamente, se não podemos admitir que todas as almas sejam puras, não podemos considerá-las *harmônicas*.

9. Na resposta às angústias de Cebes, PLATÃO criticará os filósofos naturalistas pré-socráticos<sup>22</sup>, e recorrerá novamente às teorias dos contrários e das idéias.

A demonstração da tese da imortalidade da alma é longa, porém precisa:

i) *Uma idéia em si jamais consente em ser seu próprio contrário* (102, 103);

ii) *Um contrário se retira ante a chegada do outro, ou perece* (102e);

iii) *Não contrários também podem excluir-se, se contêm em si o contrário:*

“[...] o três, por exemplo, sem ser contrário ao par, nunca o aceita, e não o aceita porque sempre tem incluído em si o contrário do par [...] não é somente o contrário que não recebe em si o seu contrário, mas o mesmo acontece também a coisas que, sem serem mutuamente contrárias umas às outras, possuem sempre em si os contrários, e as quais verossimilmente não receberão jamais uma qualidade que seja o contrário da que nelas existe”<sup>23</sup> (105a);

iv) *O que traz vida a um corpo é a alma* (105d);

22 PLATÃO. *Diálogos*, cit., p. 103 et. seq., e em especial a nota de rodapé 49.

23 A neve e o fogo, exemplifica Sócrates (106a).

v) *Se a alma traz vida*, ela não aceita o contrário desta (a morte). Portanto, *é imortal* (105e).

Assim como “Deus e a própria idéia de vida” (106d), a alma, sendo imortal, é indestrutível:

“Logo, quando a morte sobrevém ao homem, a sua parte mortal naturalmente morre — mas a parte imortal foge, rápida, subsistindo sem se destruir, escapando à morte. [...] a alma é antes de tudo uma coisa imortal e indestrutível, e nossas almas de fato hão de persistir no Hades!” (107a).

REALE e ANTISERI, com propriedade, sintetizam:

“Pode-se resumir a prova central do *Fédon* da seguinte forma: a alma humana, sustenta Platão, [...] é capaz de conhecer coisas imutáveis e eternas. Ora, para poder conhecer tais coisas, ela deve possuir, como *conditio sine qua non*, uma natureza dotada de afinidade com essas coisas. Caso contrário, estas ultrapassariam as capacidades da alma. Conseqüentemente, como as coisas que a alma conhece são imutáveis e eternas, a alma também precisa ser eterna e imutável”<sup>24</sup>.

**10.** Ao final de suas últimas lições, preocupa-se Sócrates em reafirmar a seus discípulos a imperatividade de uma vida ética, devotada à filosofia.

Retorna, com riqueza ímpar e especialíssima de detalhes, ao mito do *Hades*, mas com humildade e sabedoria alerta:

“[...] pretender que essas coisas sejam na realidade exatamente como as descrevi, eis o que não será próprio de um homem de bom senso!” (114d).

24 REALE, ANTISERI. *História da Filosofia*, cit., p. 156-7.

Encerra-se a preleção do homem que afirmara ter sido músico “em minha vida passada” (60e), e aceita seu destino e sua vida, confiante de ter cumprido sua missão, e até indagando:

“[...] haverá, com efeito, mais alta música do que a filosofia, e não é justamente isso o que eu faço?”(61a).

Na lição de amor e serenidade, SÓCRATES iguala-se aos grandes heróis e mestres que caminharam sem hesitação para outros planos de vida — e Sócrates ora “pelo bom êxito desta mudança de residência, daqui para além” (117c). PLATÃO genialmente imortalizou sua coragem, descrevendo, enfim, e naquela que WILL DURANT considera “uma das grandes passagens da literatura mundial”<sup>25</sup>, o efeito da cicuta que retirou do convívio dos discípulos o admirável Mestre. E encerra o diálogo, na voz narradora de Fédon:

“Tal foi [...] o fim de nosso companheiro. O homem de quem podemos bendizer que, entre todos os de seu tempo que nos foi dado conhecer, era o melhor, o mais sábio e o mais justo” (118).

## Referências Bibliográficas

CARVALHO, Sílvia Maria S. (org.). *Orfeu, Orfismo e Viagens a Mundos Paralelos*. São Paulo: UNESP, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à História da Filosofia*. V. 1; dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DURANT, Will. *A História da Filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

25 DURANT. *A História da Filosofia*, cit., p. 36.

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*; romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PENNA, J. O. de Meira. Introdução ao “Gorgias” de Platão. *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, Belo Horizonte, n. 84, jan. 1997. P. 97-118.

PLATÃO. *Diálogos*. Seleção de José Américo Motta Pessanha. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

PLATON. *Obras Completas*. 2. ed. Madrid: Aguilar, 1977.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. V. 1; antigüidade e idade média. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Filosofia).

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. V. 1; das origens a Sócrates. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

SALGADO, Joaquim Carlos. *A Idéia de Justiça em Kant*; seu fundamento na liberdade e na igualdade. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1995.

VILLAS-BÔAS, Márcia. *Olimpo*; a saga dos deuses. São Paulo: Siciliano, 1995.

WATANABE, Lygia Araújo. *Platão por mitos e hipóteses*; um convite à leitura dos Diálogos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996. (Coleção Logos).

## Resumo

O artigo apresenta um dos mais importantes diálogos platônicos, o *Fédon*, de grande importância para a compreensão da Teoria da Idéias. Pontos centrais da obra de PLATÃO, como a Teoria das Reminiscências e a Teoria dos Contrários, encontram acolhida privilegiada no diálogo, ao lado de perspectivas nem sempre destacadas pelos estudio-

tos, como a imortalidade da alma (tema central de *Fédon*) e a temática da reencarnação. A obra aqui comentada relata os últimos momentos de SÓCRATES, e sua última lição, já à morte — é o invulgarmente belo canto de um cisne que, antevendo a morte, alegra-se pela proximidade do encontro com Deus.